



Debate de autores latino-americanos na Flap. "Portunhol" chegou há 15 anos, o portunhol será o idioma de São Paulo. Foto: Diogo Pimenta/ABO

'Viva el portunhol'

A mistura de idiomas cresce como movimento literário e é adotada pela Flap, festival alternativo que reuniu escritores 'hermanos' em São Paulo

Por Fátima Sá, de São Paulo

O grupo já estava diante do prédio quando veio a dúvida: Como se fala em portunhol? — pediu socorro o poeta Maurício Kqi (*ê-se co-qui*) Schwartz, que fazia as vezes de guia, confundindo escritores latino-americanos pelo centro de São Paulo. Silêncio. Kqi não se deu por vencido. Caprichou no sotaque e disparou diante do Palácio Anchieta: — *Acá es el legislativo*

municipal. Ninguém estranhou. De 1º a 8 de agosto, afinal, o portunhol foi o idioma oficial da Flap 2008 — o festival literário alternativo de São Paulo. Criado há três anos para ser um contraponto menos elitista à Flap, o encontro paulistano cresceu, apareceu e teve pela primeira vez convidados estrangeiros: 17 autores latino-americanos, como o chileno Héctor Hernández Montecinos, o cubano Reinaldo Montero e a mexicana Lorena Saucedo. Daí o portunhol.

— No fundo, não há grande diferença entre nós. Vivemos de maneira parecida, em contextos semelhantes. E isso gera signos em comum, o que explica nos entendermos tão bem nesse portunhol — dizia o poeta Alberto Trejo, de 26 anos, presidente da Associação de Escritores do México. Em sua quarta edição, a Flap reuniu 80 poetas, editores, dramaturgos e professores para debater literatura, ler poesia e lançar livros. Um cenário bem diferente de sua estréia, em

2005, quando uns poucos autores reuniram-se na Praça Roosevelt, centro de São Paulo, durante um fim de semana apenas. Desta vez, a festa durou uma semana inteira, espalhou-se por 13 locais, teve transmissão pela internet (flap2008.wordpress.com) e contou até com patrocínio da prefeitura e do governo do estado. Mesmo assim, a Flap continua alternativa do F ao P. Os autores latino-americanos que desembarcaram no festival viajaram bancados por governos ou associa-

ções de escritores de seus países. Se na Flap os convidados gringos, jovens em sua maioria, foram instalados em quartos coletivos num albergue da Vila Madalena. E enquanto na Flap os escritores passavam de barco, na Flap eles andam a pé mesmo. A caminhada, aliás, foi um dos eventos oficiais do festival — o tal giro pelo centro com o poeta Kqi, na tarde do dia 7, uma quinta-feira.

— Isso aqui é algo entre organizar a cerimônia do Oscar e um asilo de loucos — divertisse Kqi, na Praça da Sé, pouco antes de ser surpreendido por um temporal. Não chovia em São Paulo havia mais de um mês. Mas deu pra chover justo no dia em que os poetas se aventuravam pelo centro. Em poucos minutos, a cidade parou. A van não chegava aos autores e os autores não chegavam a lugar algum. Dois deles encaram a chuva na raça — eram as atrações de um *workshop* dali a pouco. Os outros ficaram à espera. Ilhados, acabaram num boteco horrórico, na Rua 15 de Novembro. E, como estavam em São Paulo para falar de poesia, resolveram improvisar uma recita ali mesmo, no bar — em portunhol, naturalmente, para que todos entendessem. Apesar de alguns olhares desconfiados, a poesia de última hora terminou sob aplausos dos frequentadores.

— Penso que daqui a dez, 15 anos, o portunhol será o idioma de toda a América Latina. Estamos apenas antecipando o que virá — profetizou Montecinos. No ano passado, o portunhol virou estrea de um divertido movimento literário que nasceu no Paraguai e não pára de fazer seguidores no Brasil. A proposta é escrever em uma nova "língua", batizada de portunhol selvagem — uma mistura de português e espanhol, claro, mas também de guarani, inglês e o que mais estiver no repertório do autor. A inspiração vem da tríplice fronteira, da miscelânea que se fala nos rios entre Paraguai, Brasil e Argentina se encontram. Escritores, artistas, jornalistas e diretores de teatro latino-americanos embarcaram na bricolagem, e o movimento ganhou força para além dos livros. Até o fim do ano, o poeta Douglas Diegues, um dos precursores da ideia, vem ao Rio promovê-la. E já planeja levar o "idioma" para o cinema. Caricão radicado em Assunção, ele conta em bom portunhol selvagem os rumos do movimento: — *Bomá traduzir la obra completa de Manuel de Barros al portunhol selvagem. En Mercedes San Pedro (bar que é uma espécie de embaixada do movimento em São Paulo), encontramos Paulo Betti y conversamos sobre las posibilidades de hacer cinema en portunhol selvagem. Ele já filmou no Paraguai "El toque del oboé" e ficou entusiasmado com la idea de filmar mais veces en tierras paraguayanas. Yo y el bróder domador de jacarés ji temos un roteiro pronto. Falta apenas conseguir un cineasta que quiera hacer un documental sobre la poesía desconocida de los orígenes mezclada a la poesía que anda resto por las calles del Brasil, Paraguay, Argentina, Bolivia...*

A língua selvagem

Entre os livros publicados no novo "idioma", estão: "Dis gusto andar desnudo por estas selvas", de Douglas Diegues; "Caballeros solitarios rumbo ao sol poente", de Xico Sá; "Cada vez que ella diz x", de Ronaldo Bressane, e "Monarks atravessam El Apa", de Joca Terrón. Cada um à sua maneira, claro, porque, como diz Douglas Diegues, "nunca *habrá* portunhol selvagem único, limitado a qualquer moldura".

▶ O GLOBO NA INTERNET
Leia a manifestação do portunhol selvagem
www.oglobo.com.br/extra

DEPILAÇÃO A LASER
TECNOLOGIA DE PONTA PARA TODO TIPO DE PELE

SUPERPROMOÇÃO
EntreCoxa + Virilha + Axilas = 993,00
Costa Superior = 553,00
Glúteo = 1033,00
PARCELAMENTO EM ATÉ 6 X SEM JUROS

PROMOLÍMPICA
Queixo: 365,00 = 183,00
1/2 Linha Alba: 365,00 = 183,00
Barba: 1.105,00 = 553,00
50% OFF

SKIN PLANET
by Claudia Jublot
Central de Atendimento
3907-1100
www.skinplanet.com.br
Copacabana: Av. Princesa Isabel, 323, 5º andar
Shopping Leblon, Av. Afrânio de Mello Franco 250/3º
Centro: Rua Sete de Setembro, 112 - 1º andar